



## Editorial

### Walter Benjamin e a República de Weimar

Alessandra Affortunati Martins<sup>1</sup>

Francisco Camêlo<sup>2</sup>

Francisco Pinheiro Machado<sup>3</sup>

Leonardo Alves de Lima<sup>4</sup>

### Constelações da República de Weimar<sup>5</sup>

É com satisfação que publicamos o dossiê *Walter Benjamin e a República de Weimar*. O conjunto busca circunscrever a obra do filósofo em uma dimensão espaço-temporal, formando uma constelação entre personagens e obras intelectuais e artísticas da época. Delimitar a obra a partir de tal recorte, todavia, não requer um viés historicista ou geográfico, aos moldes da ordem convencional museológica. Trata-se antes de observar feições espirituais e materiais que compuseram uma atmosfera específica; de detectar a natureza de laços afetivos e de tensões e dissensos intelectuais; de farejar como aquelas vibrações repercutem no tempo-de-agora (*Jetztzeit*), não recorrendo a relações imediatas de

---

<sup>1</sup> Psicanalista e pós-doutoranda na Cátedra Edward Said da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: aafortunatimartins@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). E-mail: fthiago.camelo@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: fapmachado@unifesp.br.

<sup>4</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: leonarddo.delima@gmail.com.

<sup>5</sup> Nossos mais sinceros agradecimentos a Patrick Gert Bange pelo acompanhamento inicial deste trabalho.

identidade ou espelhamentos evidentes, mas penetrando na intensidade efusiva ou na depressão astênica que rondava os ares da primeira república democrática moderna.

É importante notar que Benjamin, ele mesmo, se situa em uma zona simbolicamente instável da República de Weimar. Ora, se a tradição de Weimar é o pano de fundo para erguer aquela república moderna, com os nomes de Goethe e Schiller a sustentá-la em sua versão monumental, Benjamin a situa em lugares mais frágeis e duvidosos.

Se tomarmos o fragmento “Weimar”, em *Imagens de Pensamento* (1924-1934), veremos um quadro turvo e longínquo no tempo e no espaço. Benjamin estremece, entre as décadas de 1920-30, os sólidos ideais classicistas que supostamente compunham as heranças a serem assumidas pela República de Weimar. Ao dialetizar a imagem weimariana e a figura de Goethe, reafirma seu laço com o lado ofuscado pela história oficial.

O que se nota é uma versão pouco elevada do gabinete de trabalho de Goethe: cômodo modesto, pequeno e sem janelas. Foi naquele cubículo que grande parte dos escritos goethianos ganhou vida, “antes que a alvorada infernal do conforto burguês desse a ver o seu brilho na janela”. Cada linha escrita por Goethe poderia ter soçobrado, cada palavra naufragado em meio às ambições dos grandes interesses que movem o mundo dos poderosos manipuladores do Capital e dos belicosos militares, que perduraram na República de Weimar e ainda assombram os dias atuais.

Vista hoje como uma espécie de *miragem*, a República de Weimar tornou-se quase fantasmagoria. Ao contrário da iluminação convencional dos objetos, cujos raios em linha reta são condição para sua captação pelo cérebro, uma *miragem*, explicam os físicos, relaciona-se com desvios dos feixes de luz. Se os indisciplinares *desvios* são seu caminho, seu lugar é um *limiar*: aquele que se aloca entre uma densa camada de ar frio e a outra rarefeita, formada de ar quente. Ilusões de ótica e um constante estado de vertigem penetravam a atmosfera weimariana.

Impulsos revolucionários sacudiam insistentemente os experimentos democráticos da política conselheira, como a tentativa de Revolução da Liga espartaquista que levará ao assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht pelos *Freikorps*, em janeiro de 1919. Crises econômicas aumentavam e diminuíam a temperatura social. Intrigas e armações contrarrevolucionárias,

como a "Lenda da punhalada pelas costas" (*Dolchstoßlegende*), exigiam um permanente estado de alerta. As constantes oscilações do SPD, ora estabelecendo alianças com as partes mais retrógradas da vida pública e militar, ora articulando-se discursivamente ao lado da classe trabalhadora, não eram capazes de trazer a segurança de que uma sociedade mais justa e igualitária seria possível ali. Os projetos democráticos, incluídos nas leis da Constituição de Weimar, eram frequentemente assombrados pelos mecanismos de intervenção arbitrária garantidos pelo artigo 48.

Os ideais eram discrepantes em relação à materialidade concreta dos eventos. As luzes não eram impressionistas. Refratadas por todos os lados, compunham as formas dilaceradas do expressionismo em voga nas artes, no cinema, na literatura e nos diferentes quadros dos espetáculos encenados em cabarés. Nada do que se ajustava nas molduras do império guilhermino manteve-se intacto. Denso de um lado, rarefeito de outro, o ar que pairava por ali tensionava os mais variados ambientes. Se em algumas de suas lufadas fervilhavam as tentativas de compor novas formas eróticas, políticas, artísticas e culturais, em outras, havia o esforço de restabelecer a ordem pregressa, revolvendo as vertentes vanguardistas que encurvavam a tradição. Entre Bóreas e Zéfiro, era difícil fazer a poeira baixar. Em meio a esses rodopios de ventos, as imagens turvavam-se diante dos olhos alemães até esvaírem-se como um sonho esquecido na manhã após a ascensão de Hitler.

Em uma de suas diferentes camadas, esse turbulento cenário talvez possa ser compreendido pelo título empregado por Peter Gay à sua pequena obra: *Weimar Culture: the outsider as insider*. O nome do livro mostra que aquilo que se mantinha nas bordas, antes dos tenebrosos efeitos da Grande Guerra e do Tratado de Versalhes, ganhou protagonismo. São esses aspectos que ganham diferentes versões neste dossiê por meio dos artigos de autores e autoras que se dedicaram a pensar a obra de Walter Benjamin imbuída da forma e do conteúdo weimarianos, sob duas perspectivas principais, uma política e outra estética.

Os artigos que abordam essa temática sob o viés mais político se debruçam principalmente sobre os conceitos de "violência" e "exceção", acerca dos quais Benjamin formulou importantes reflexões que mobilizam até hoje instigantes debates.

Isabela Pinho nos traz um panorama detalhado dos fatos históricos que levaram à fundação da República de Weimar. A partir daí convida o leitor a pensar com Benjamin sobre as diferenças entre violência e direito, reflexão que conversa com as teses de Carl Schmitt e com a premissa de que os fins justificam os meios ou vice-versa. O texto da autora destaca-se por desdobrar o tema a partir das relações entre a polícia e o direito trazendo Agamben para a discussão. Por fim, Isabela levanta uma hipótese de leitura em que seria possível haver uma violência sem a mediação do Estado, no entanto, tal violência remete à figura do êxodo hebreu pelo deserto do Sinai. É esse poder sem o monopólio do Estado que interessa a Benjamin.

Em uma contribuição resultante de pesquisa coletiva, intitulada “O real estado de exceção de Walter Benjamin contra o ‘estado de exceção’ de Carl Schmitt”, Gerson Tadeu Astolfi Vivan Filho, Bruno Cardoni Ruffier e Rodrigo Luz Peixoto conduzem-nos a uma sala de espelhos. Nela, Benjamin e Schmitt entram e saem separados. Ficam na sala imagens espelhadas e invertidas que se expressam na forma de uma batalha teológico-política sobre a violência, o direito e o Estado. Os autores percorrem um caminho teórico que busca delinear que há algo em comum entre Benjamin e Schmitt, ambos ocupados com a mesma questão: uma disputa violenta entre uma classe oprimida, que busca desfazer a ordem, e um Estado que busca instaurar a ordem por meio da ditadura no “estado de exceção”. Em sua hipótese de leitura, os autores do artigo tomam fôlego para argumentar que há um interesse comum a Benjamin e a Schmitt a teologia política -, mas elaborado em posições que, embora especulares - ou exatamente em função de tal perspectiva - mostram sinais trocados.

Em interessante diálogo com os textos precedentes, Matheus Fernandes Pinto propõe compreender a contribuição teórico-política de Benjamin sobre a República de Weimar a partir do que Annie Dymetman chamou de “hermenêutica da exceção”. Para o autor, são fluídos limites entre os extremos “exceção” e “normalidade”, e justamente a superação de uma visão estanque desta dicotomia seria o caminho benjaminiano para a crítica ao Estado capitalista, violento, controlador e autoritário. Neste sentido, Benjamin contrapõe-se diretamente a Carl Schmitt, que também operaria com uma hermenêutica da exceção, mas a favor da manutenção da ordem estabelecida. Nas palavras do autor, “o que se revela é que a função dos aparatos de administração do Estado capitalista não é tanto a de preservar a ordem e o bem-estar social, mas sim a de neutralizar a

excepcionalidade da exploração cotidiana”. Em Benjamin, a hermenêutica crítica apontaria, antecipando o messianismo de suas teses em “Sobre o conceito de história”, para a verdadeira exceção, revolucionária no sentido do materialismo histórico.

Esse núcleo temático é retraçado e ampliado nas reflexões apresentadas por Roy Sollon Borges em “Crítica ao progresso, teologia e revolução: considerações em torno da crítica do poder como violência em Walter Benjamin”, no qual o autor aproxima a crítica ao progresso de Benjamin à conceituação dessa vertente em relação ao conceito de violência em sua obra de juventude. Nesse trajeto, o autor propõe uma leitura do ensaio benjaminiano “Para uma crítica da violência” a partir do entrecruzamento de dois outros importantes ensaios “Fragmento teológico-político” e as famosas teses “Sobre o conceito de história”, seguindo Benjamin na interpretação do poder revolucionário como aquele que instaura o real estado de exceção, bem como nega e interrompe a “violência mítica taxada de progresso e normalizada como destino”.

Em sua indagação acerca do impacto do progresso técnico no pensamento alemão, a partir dos avanços bélicos deflagrados pela Primeira Guerra Mundial, Felipe Catalani busca retrair as origens do que Günther Anders chama de “discrepância prometeica”, isto é, uma defasagem ou um descolamento da imaginação humana em relação às forças produtivas. O ponto de partida de sua instigante reflexão é um pequeno artigo de Walter Benjamin publicado em 1925, “As armas de amanhã” (*Die Waffen von morgen*), cuja autoria pode ser compartilhada com sua esposa, Dora Sophie Kellner. Ao recuperar a descrição feita por Benjamin do aparato militar europeu e, em particular, a ideia de “inércia mental” como resultado de um “defeito de imaginação provocado pela própria realidade tornada “monstruosa” (inimaginável)”, flagra-se a “discrepância” de que falava Anders, para quem “a humanidade torna-se ‘atrasada’ em relação ao progresso material”. Explorando as visadas de Anders e de Benjamin, Catalani passa ao exame questionador de visões outras, tanto progressistas quanto antiprogressistas, do avanço tecnológico, as quais possibilitam uma compreensão da história como “síntese contraditória” entre progresso e catástrofe que se desdobram no cerne mesmo do progresso técnico.

Quanto aos artigos voltados às questões mais estéticas no recorte dado ao período weimariano, o artigo de João Lopes Rampim enfatiza o impacto do Grupo G na obra de Walter Benjamin entre os anos 1924-31. Durante esse perí-

odo, Benjamin volta-se politicamente ao marxismo e dedica-se à crítica das obras de arte de vanguarda, sobretudo as da França e da Rússia. A aproximação de Benjamin do Grupo G, que se articulava em torno da *Zeitschrift für elementaren Gestaltung*, editada por Hans Richter, estaria alinhada a uma crítica feita ao expressionismo em voga na Alemanha, que inflava, na perspectiva tanto do Grupo como na de vários outros teóricos da Teoria Crítica, o subjetivismo extático das obras, o que era avesso aos movimentos dialéticos da história.

Nesse contexto, sobressai *Experiência e pobreza*, artigo escrito por Benjamin ao longo desse período. João Rampim considera esta peça uma obra de limiar. Em sua condição exilada, e ocupando uma posição inédita de destaque na crítica de arte, Benjamin publica o artigo em 1933, na revista *Die Welt im Wort*, editada por Willy Haas. Não recebe, todavia, os honorários combinados pelo artigo, o que indicará os problemas materiais que irão se impor a ele dali em diante. Nessa precariedade, porém, se colocarão formas diversas da escrita benjaminiana, coerentes com a sua posição materialmente vivida como um intelectual de esquerda. Desse lugar, Benjamin recusa de maneira efusiva a ideia de interioridade espiritual criativa, impossível de se sustentar nas adversas condições de vida colocadas no período pós-guerra. Combate, então, a ideia de arte como refúgio ou beleza edificante, dirigindo-se a formas estéticas que convergem com os contornos traumáticos vivenciados naquele momento. Estabelece exatamente em *Experiência e pobreza* o que seria uma barbárie como escola, persistindo na tarefa revolucionária que exige cada tempo-de-agora. É exatamente neste ponto que confluem as formas exploradas pelo Grupo G e aquelas articuladas por Walter Benjamin.

Tal posição do intelectual de esquerda, assumida sob novas condições materialmente colocadas a Walter Benjamin, é o que orientará a análise de *O autor como produtor*, feita por Gilmário Guerreiro da Costa. Ali, Walter Benjamin se empenhará em desenhar a técnica de produção de uma obra condizente com os princípios revolucionários antiburgueses, e, sobretudo, resistentes às forças do fascismo que se alastravam pela Europa.

Coerentemente à linha traçada por João Rampim, Gilmário da Costa identifica, no texto de Benjamin, a tentativa de estabelecer uma forma e uma técnica de produção artística e intelectual contrárias à da fruição estética burguesa. No enfrentamento prático do conformismo e da naturalização ideológica, bem como na difusão dos procedimentos técnicos revolucionários pelas formas e ma-



teriais entranhados nas obras, Walter Benjamin busca retirar da posição submissa artistas que se rendem aos interesses contemplativos da burguesia. O artigo amplia os tópicos trazidos por Benjamin, especialmente a crítica feita à *Neue Sachlichkeit*. Um dos pontos altos da crítica benjaminiana às técnicas de produção artística e intelectual está em *Melancolia de esquerda* (1930), também analisado por Gilmário da Costa. Ali, mostra como o gozo melancólico de esquerda, identificado por Benjamin, renuncia a ações efetivas de luta nas obras para oferecer ao público a miséria como objeto de consumo - esse ponto é bem explorado pelo autor a partir de Julien Benda em *A traição dos intelectuais* e Chryssoula Kambas em *Positionierung des Linksintellektuellen im Exil*.

Em seu artigo, Bernardo Oliveira discute um tema bastante explorado pelos estudos benjaminianos, a noção de “aura”. Nesse âmbito, o autor retoma com atenção os textos “Pequena história da fotografia”, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” e “Sobre alguns temas em Baudelaire”, para apontar, de maneira pertinente, pontos de convergência, divergência bem como alguns temas transversais entre eles. O último texto, dedicado à Paris de Baudelaire no Segundo Império, é sublinhado pelo articulista na construção de seu argumento, qual seja: a “aura” como uma noção especialmente vigorosa para o campo da filosofia da arte, hoje. Tal potencial teórico-crítico é avaliado a partir da leitura do poema “À une passante”, de Baudelaire, posto em relação com passagens do livro de Benjamin sobre os primeiros românticos alemães.

Por fim, enriquecendo ainda mais este número da *limiar*, na seção varia, publicamos o artigo de Rita Paiva acerca de Georges Bataille, tratando do conceito do excesso de energia como condição e dinâmica da vida em geral, que culmina em um dispêndio gratuito, explosivo, violento da natureza. Força soberana, excepcional (não em sentido político) que, na condição humana, atinge intensidade impensável e inconciliável com a normalidade e produtividade racionais na cultura e na sociabilidade. O excesso, “compreendido como ímpeto de devastação e destruição de forças estabilizadoras”, lança o humano na tensão e no jogo tentador, erótico, entre renunciar ou se entregar àquela violência como desejo irresistível. Tensão entre interdito e transgressão que, por isso mesmo, precisa ser tematizada para se compreender o humano em sua integralidade. Pois catastrófica não é essa contradição da condição humana, mas não levá-la em consideração.

Não obstante não ter sido esta a proposta do artigo de Rita Paiva, a leitora e o leitor atentos deste número perceberão certamente relações produtivas dessa discussão batalliana com os temas apresentados no dossiê temático, entre eles o que Benjamin define como caráter destrutivo. Este feliz acaso nos autoriza lembrar que Walter Benjamin se encontrou várias vezes com Bataille em Paris no final dos anos 1930 e confiou a estes importantes manuscritos em sua fatídica fuga dos nazistas. Manuscritos escondidos por Bataille na Biblioteca Nacional e que foram mais tarde encontrados por Giorgio Agamben.

Desejamos a todas, todos e todes uma boa leitura.